

Suplemento Literário de Mato Grosso

Nódoa no Brim

TANGARÁ DA SERRA - MT - BRASIL
07 DE JULHO DE 2023



Mati-Taperê
Lápis sobre papel linho



Coenam
Lápis sobre sulfite

Sumário

Editorial

3 *Claudia Zortea*

Amazônia Legal (poema)

5 **Mulher ousada**
Nágila Alves da Silva

Carta ao escritor

6 **Carta para Marta Cocco**
Vitória Domingues Filipe

Conto

8 **O Sete: saga da Menina Maior**
Edson Gomes Evangelista Dalla-Nora
Giseli Gomes Dalla-Nora

Resenha

12 **SEASON FINALE**
Edson Flávio Santos

Crônicas

14 **LAMENTAÇÕES**
Raquel Naveira

Ensaio

17 **Ensaio sobre o Desgosto**
Ariel Montes Lima

Artigo

20 **Literatura negro-brasileira: livros interditos no século XXI?**
Lisiane Oliveira e Lima Luiz

Artista Visual (Conceito)

23 *Paulo Antônio*

Expediente

O **Nódoa no Brim** tem por objetivo a criação de um espaço em que são abordados assuntos concernentes à arte literária e à relação dialógica que ela estabelece com outros campos do conhecimento, assim como outras artes. Embora grande parte das matérias publicadas seja uma extensão das atividades e discussões realizadas em nossos cursos de pós-graduação, o propósito do jornal é atingir, por meio de uma linguagem mais acessível, um público mais amplo, abarcando o leitor comum e o aficionado da Literatura e jornalismo cultural, através da divulgação de autores, obras e temas literários de relevância no cenário cultural contemporâneo e seu diálogo com as demais artes.

Direção geral: Walnice Vilalva

Equipe editorial: Walnice A. Matos Vilalva (direção geral), Claudia Eliane Zortea (edição e revisão), Tayza Codina (revisão), Maria Madalena da Silva Dias (revisão), Natália Marques da Silva (revisão), Luciene Candia (revisão), Rayssa Duarte Marques Cabral (revisão) e Paulo Wagner Moura de Oliveira (revisão).

Artista Visual Homenageado: Paulo Antônio.

Colaboradores: Nágila Alves da Silva, Vitória Domingues Filipe, Edson Gomes Evangelista Dalla-Nora, Giseli Gomes Dalla-Nora, Edson Flávio Santos, Raquel Naveira, Ariel Montes Lima e Lisiane Oliveira e Lima Luiz.

Diagramação: Umberto Rios Magalhães

CONTATO

email: nodoanobrim.mt@gmail.com

Publicação das edições de 2023

O Suplemento Literário de Mato Grosso Nódoa no Brim convida pesquisadores/as e escritores/as a submeterem artigos, ensaios, resenhas, contos, crônicas, poemas, carta ao escritor às suas edições de 2023. Para acessar as regras de submissão, clique no link:

<https://ppgelunemat.com.br/submissao-nodoa>



UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso
Núcleo de Pesquisa Wladimir Dias-Pino
Endereço: MT-358, 7 - Jardim Aeroporto,
Tangará da Serra - MT, 78300-000

Editorial

A produção crítica e literária publicada pelo Suplemento Literário Nódoa no Brim, em sua 87ª edição, vem acompanhada das ilustrações do artista plástico, ilustrador, escritor e poeta Paulo Antônio. Ele, que em outras edições nos brindou com seus pemas, neste mês compartilha mais um dos seus talentos, as artes plásticas. As formas dos desenhos são delineadas por esferográfica e grafite sobre sulfite e vão beber na mitologia indígena e no folclore brasileiro.

A sessão **Amazônia Legal**, que abre esta edição, traz o poema *Mulher ousada*, escrito por Nágila Alves. Poema belíssimo feito em homenagem a Maria Firmina dos Reis, a primeira romancista negra do Brasil, autora de **Úrsula** (1859), o primeiro romance abolicionista do nosso país. Os versos falam da potência

e do protagonismo de Maria Firmina ao usar a literatura para falar sobre os negros. Maria Firmina é inspiração: "Você deu vida a outras/Marias, Firminas/Suzanas, Úrsulas e Joanas/Para serem ousadas, combatentes"

Vitória Domingues Filipe, estudante do ensino médio na escola Silvestre Gomes Jardim, de Rondonópolis, compartilha com os leitores do Nódoa uma carta para Marta Cocco, prestigiada escritora contemporânea de Mato Grosso. Na carta, Vitória conta sua experiência de leitora a partir da obra **Não Presta Pra Nada**, publicada pela Editora Carlini e Caniato em 2016, e agradece à autora dizendo que "o livro me abriu os olhos para conhecer essas - mesmo que imaginariamente - cidades do nosso estado.

Graças ao livro
consegui



Saci
Lápis sobre
papel linho

aumentar o meu repertório e conhecer outras autoras."

Edson Evangelista Dalla-Nora e Giseli Dalla-Nora assinam juntos o conto *O Sete: saga da Menina Maior*. Um conto narrado em primeira pessoa por uma mulher já idosa, que embarca nos meandros na memória e traz à tona as vivências marcantes da infância e da juventude, entre uma cidade e outra. O conto também tem um tom filosófico que provoca o leitor.

A resenha desta edição é de um escritor para outro. Edson Flávio Santos, exímio pesquisador de Dom Pedro Casaldáliga e também autor de **Aldrava**, livro de poesias publicado em 2020, lança seu olhar sobre uma das obras de Adilson Vagner de Oliveira. Edilson estreia no universo da escrita com um ânimo invejável. Em dois anos já publicou três livros de literatura, sendo eles **Dois** (Carlini e Caniato, 2023), **O Futuro do Tempo** (Paco Editorial, 2023), e **Espaço de Família** (Carlini e Caniato, 2022). Ao lerem *Season finale*, o texto de Edson Flávio, não esperem uma resenha acadêmica. Ainda tenho dúvidas sobre o gênero deste escrito. Os leitores poderão concluir por si.

Raquel Naveira, sempre presente, na crônica *Lamentações* abre o texto com um questionamento "O que me faz chorar?". Ao percorrermos as linhas do texto deparamo-nos com uma dura e necessária abordagem política e filosófica sobre o cenário urbano dos desabrigados. A crônica de Naveira remonta à 74ª Edição este Suplemento Literário, que trouxe textos e imagens sobre mulheres em situação de rua.

Ariel Montes Lima em *Ensaio sobre o desgosto* elabora uma sagaz

análise linguística partindo da palavra alemã *Herzschmerz*, que significa desgosto em português. A autora defende "a importância da palavra enquanto signo constituído e a relatividade do pensamento linguístico" e relaciona a subjetividade da palavra ao *modus pensandi* da sociedade. Um texto interessantíssimo!

Literatura negro-brasileira: livros interditos no século XXI? O ponto de interrogação demonstra uma indignação muito bem argumentada neste artigo de opinião escrito pela pesquisadora Lisiane Oliveira e Lima Luiz. A autora lembra que em 2023 a Lei 10.639/03, que tornou obrigatório o ensino da história e da cultura africana nos currículos das escolas públicas e privadas da Educação Básica, comemora 20 anos. Mas essa comemoração, apesar dos vários anos da Lei, é cheia de embargos, pois ainda há muitos exemplos, frequentes, de manifestações racistas, inclusive, e este é o foco do texto, no ambiente escolar com relação à literatura afro-brasileira.

Boa leitura!



Claudia Zortea



POEMA

AMAZÔNIA LEGAL

Ressurreição

Esferográfica sobre sulfite

TEUS ESCRITOS SÃO POTENTES

Maria, mulher ousada
Combatente e valente
Sempre a frente do seu tempo
Ao usar a Literatura
Pra falar de sua gente
Ah! Doce Maria!
Teus escritos são potentes

Fez eu resgatar minha identidade
E amar minha ancestralidade
Ah, Maria! Se você soubesse
Que teus escritos
Incentivam meninas e mulheres
Pretas, pobres e ricas
A lutarem por respeito e liberdade

Você permite
Que negros e mulheres
Sejam protagonistas
Em uma época
Em que eles não eram
Considerados nem gente
Maria, você
Fez e faz história

E usarem a Literatura
Para reescrever a história
Da sua ancestralidade
Você fez e faz história, Maria
No Maranhão e no mundo
Você deu vida a outras
Marias, Firminas
Suzanas, Úrsulas e Joanas
Para serem ousadas, combatentes
Terem coragem de escrever,
Falar e lutar
Por nossa gente!

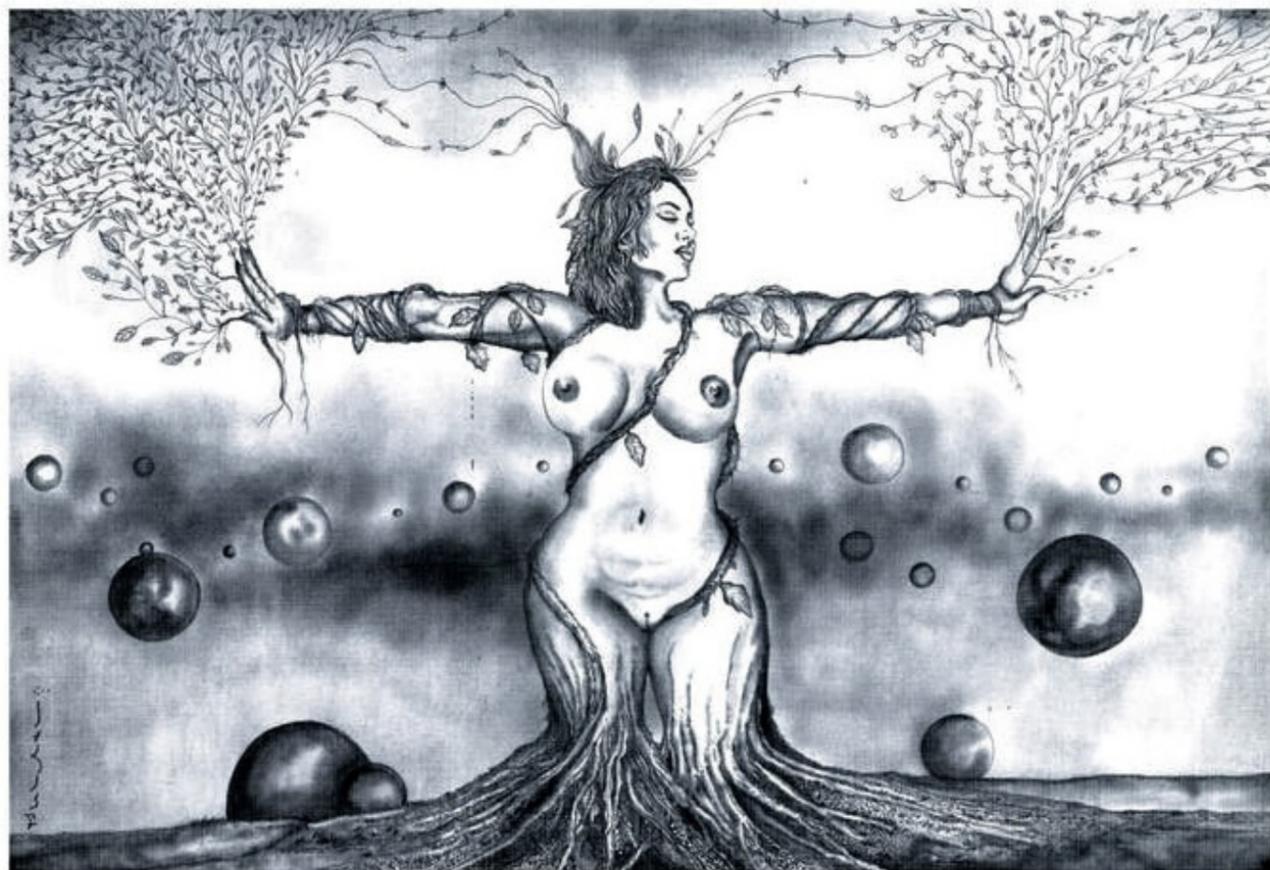
Transformou-me por dentro e por fora
Fez eu me sentir sublime



Nágila Alves da Silva

Nágila Alves da Silva é maranhense, escritora, professora e pesquisadora. Mestre em Literatura e Cultura (UESPI). Graduada em Letras português e Inglês (UEMA).

nagyalves10@gmail.com



Gaia
Lápis sobre papel linho

Carta à escritora Marta Cocco



Vitória Domingues Filipe

Vitória, estudante do ensino médio na escola Silvestre Gomes Jardim, de Rondonópolis, nasceu na cidade de Rondonópolis no dia 6 de março de 2006. O que mais gosta de escrever são contos de aventura, além de ser bolsista FAPEMAT, através do edital de nº 002/2022 - Programa Pesquisa e Inovação na Escola - PIE.

vitoriafelipe322@gmail.com

Cara Marta,

Em primeiro momento, quero destacar que o conto Motivo, do livro Não Presta Pra Nada foi um dos primeiros contos mato-grossenses que li e ele ficará gravado em minha memória, porque junto dele tive a oportunidade de ler outras narrativas dessa tão pungente obra. Esse texto é narrado por uma mãe que fala sobre a adaptação de seu filho na escola, desvelando o bullying sofrido pelo menino, devido ao fato de ser gago, o que o excluía dos círculos de amizade.

Além deste conto, outro que me marcou bastante foi As Cinco Marias, pois é narrado por uma mulher que reflete seu convívio familiar, descrevendo as características de suas irmãs. A narradora detalha sua personalidade ao ponderar as palavras que ela cresceu ouvindo: "Essa daí não presta pra nada, só pra estudar." Identifico-me com esse conto, porque é esse tipo de comentário que ouço, e provavelmente outros leitores também irão se identificar.

Neste livro há vários textos que mobilizam a percepção feminina - outro elemento importante que percebi no seu universo literário, Marta; assomado a isso há o fato das narrativas situarem-se em cidades do Mato Grosso; por isso te agradeço, Marta, porque o livro me abriu os olhos para conhecer essas - mesmo que imaginariamente - cidades do nosso estado. Graças ao livro consegui aumentar o meu repertório e conhecer outras autoras.

Ademais, destaco que eu só pude conhecê-la a partir da iniciação científica promovida pelo apoio financeiro da FAPEMAT, através do edital de nº 002/2022 - Programa Pesquisa e Inovação na Escola - PIE. Desse modo, tive não apenas uma experiência de leitura, como também pude escrever artigos sobre a literatura de autoras de nosso estado.

Diante disso, considero que o livro Não Presta Pra Nada será importante na vida de muitos estudantes, assim como foi para mim; outros estudantes ampliarão seu repertório e desenvolverão o apreço por obras produzidas no nosso estado e procurarão por outras autoras.

Um abraço, cara Marta.



Diálogos
Lápis sobre papel linho

O Sete: saga da Menina Maior

Daqui meu olhar se desponta, escadaria abaixo, até a massa enorme de tons azulados que se move, após a faixa de areia clara; ora se aproxima, ora se afasta e me leva a lonjuras que, em outros tempos, eu sequer podia imaginar. Entre imaginação e concreta ação, fixo meu olhar no verdor arbóreo que avança morro afora, mar a dentro. Pese o esforço para me concentrar no aqui e agora, meu corpo, hoje, está se dissipando feito a chuva fina e insistente que cai nesta enseada, neste mar, nestes morros, revestidos de névoa, morada de deusas. O corpo assim liquefato, confunde-se com a alma, torna-se etéreo, feito de concreto, ferros, areia, mar e morro, os absolve inteiramente, mas não se confunde com nenhum.

Levanto-me, precipitadamente vou em direção à cozinha, preciso preparar o cardápio para que a empregada faça o almoço. A sala

espelhada reflete um corpo longilíneo, de tez morena, antes, mais clara, agora. Nas dobras acetinadas da camisola, sinto o afago daquelas mãos pequenas, ternas e calosas, mãos que moveram e desnudaram entre afagos e desejos, meus mais íntimos segredos. Corpo encendido, são minhas mãos que enlevadas pelas lembranças me tocam como se aquelas outras, fossem. "Patroa, está pronto o café". Olhos pequenos, curiosos, pícaros me surpreenderam. "Irei em breve", respondi com voz trêmula, criança surpreendida pelo olhar acusatório do mundo. Dona Preta, certamente teria atirado a primeira Pedra na prostituta Madalena, houvesse estado entre os que foram instados por Jesus. Dona Preta, quanta falta me faz aquela que antes cuidava do Coração desta casa fria, a que preparava a comida antes da Senhora, depositava nos alimentos algo de magia que alimentava o corpo e ecoava na alma, quanta diferença!

Nos momentos em que burilo minhas mais remotas recordações, encontro clarões difusos, lampejos efêmeros de diamante rolando por águas correntes, encontro um rosto adornado por grandes olhos claros, estrelas rebrilhando nas noites em que faltavam luz na vila. Olhos que luciam antecipando um riso enternecedor, olhos que ainda hoje me acolhem nestas noites solitárias e chuvosas de Ubatuba, Ubachuva. Olhos de Altemar, aquele que para mim tornou-se Pai. Aquele outro o que me engendrou, por mais que me esforce não o encontro em minhas recordações. Por vezes, esforço-me à exaustão, tudo o que encontro é uma escuridão que oprime o peito e se dissolve por meio de copiosas lágrimas que rolam por este rosto roto. Assustada me refúgio no olhar, no sorriso, no abraço de Altemar.

No ocaso, aquela tarde quase noite, em que mataram ao Altemar, sangraram-no feito touro a la espanhola; senti o temor da morte, perdida entre uma multidão de calças e vestidos, eu estava só, tão sozinha, numa travessia transcendente, eu era toda a tristeza que possa algum dia vir a existir. Num desespero que fez emergir um manancial em meu peito e jorrar uma cascata em meus olhos, corri, tropecei, caí, fui empurrada, miraculosamente mirei no epicentro de um terremoto e divisei um animal consumido pela dor, protegendo a própria cria, era minha mãe, desvairada pela dor amparando o Altemar; do peito dele, em contraposição às águas límpidas que emanavam do fundo de meu ser, nascia uma intermitente cachoeira rubra.

Sob o jugo de uma faca ensanguentada, em um ocaso, que sempre vem ao caso, fiquei órfão de pai por toda a vida; de mãe, por anos.

Uma menina lançada à arena da Vila, eu nem bem debutara na segunda infância e percebi que teria de cuidar de mim e proteger minha irmã menor. O mundo pode ser um lugar tenebroso, infinitamente lúgubre, principalmente se fores mulher, menina, pobre, órfão em uma Vila enluarada nos confins do mato, Mato Grosso.

Por sete longos anos, os quais retumbam até hoje no mar de minha existência, minha mãe habitou um lugar inacessível; atenta persigui, durante aquele tempo infinito, de tardes empoeiradas ou manhãs lamacentas, um porta, uma janela, uma fresta para ingressar lá e, dali voltar trazendo pelas mãos minha mãe de volta. Não posso mensurar quantas noites despertei no meio da noite. Naquele quarto parcamente iluminado por uma pequena lamparina, reacendendo a querosene, eu buscava, com os olhos encharcados de sono, a figura longilínea, esquelética, fosforescente de minha mãe; eu a encontrava sempre em transe, entre palavras, choro e conspícuos gemidos, mal podia ouvir com o mínimo de exatidão: Altemar. Secretamente, comecei a odiar meu pai, não o vivo que inscreveu em mim o amor. Mas, aquele ensanguentado cadáver que levava minha mãe a habitar junto de si em um outro mundo, para o qual eu não encontrava um caminho.

Quiçá resida nesta orfandade, que, por vezes, se aninha dentro de mim, acontecimentos como aquele daquela tarde longínqua. O aroma que exalava daquele corpo suado, depois de um dia inteiro na faina; fazer faxina é exaustivo, mas ela me sorria com os olhos. Deus! Aquele cheiro! Tarde distante que, não obstante, em manhãs melancólicas como esta vem voltando, voltando, voltando... des-



Giseli Gomes Dalla-Nora

39, nascida em Jaciara/MT, criada em Campo Verde/MT. Tornou-se cuiabana ao vir estudar Geografia na Universidade Federal de Mato Grosso onde hoje também é professora. Pesquisadora das questões ambientais e de comunidades tradicionais. Líder do GECA - Grupo de Pesquisa em Geografia Agrária e Conservação da Biodiversidade e uma apaixonada pelas histórias e estórias contadas.

giseli.nora@gmail.com



Edson Gomes Evangelista Dalla-Nora

45, nascido em Jaciara/MT, forjado em Planalto da Serra/MT, montanhas, rio abaixo. Professor de Linguagem atua em Língua portuguesa e espanhola no Instituto Federal de Mato Grosso - IFMT. Um contador de estórias, encantado por gentes, habitado inteiramente por mundos erigidos na e pela linguagem.

evangelista13corintios@gmail.com

de um breve relampejar da memória até se reconfigurar inteiramente em mim. Primeiro se enuncia por meio de um leve tremor das pálpebras; depois, retumba no músculo cardíaco, tremulando-o inicialmente, leva-o célere a acelerar, intumescido músculo interno que se faz sentir na epiderme arrepiada, na garganta apertada, nos mamilos feitos faróis altos em noites sem lua; na vulva, pulsante clitoris, liquefazendo-se... inundando-a, de resto me arrasta para este mar, nesta onda feito afago, afogo-me. Afobada, recobro o tempo presente, com os olhos arregalados perscruto o entorno, uma mescla de medo e vergonha. Deus meu! Imagine se Dona Preta me flagrasse neste transe. Precipito-me, adentro o quarto, o banheiro, concentrada me visto e saio uma agenda de compromissos sociais. Molestos compromissos sob a incumbência das mulheres de bem, fina flor da sociedade ubatubense.

Nesta cidade, atravessei diferentes estamentos, grupos sociais, inicialmente, juntamente com o Agenor, meu marido, prestamos serviços que iam desde a construção até a reforma, passando pela limpeza e manutenção de imóveis residenciais e casas de veraneio. Tempos dinâmicos em que regíamos concomitantemente, ambas as empresas: a de construção civil e a de gerenciamento e limpeza doméstica. Éramos jovens, destemidos, apaixonados, sobretudo. Entre um telefonema, uma ordem, um reordenamento, uma visita técnica... sempre havia uma brecha de tempo para olhares, toques, carícias que concretavam o amor entre meu marido e eu. Mas, o amor requer manutenção, o cultivo cotidiano, disso, não sabíamos ou esquecemo-nos nos arroubos da juventude.

Da Vila empoeirada nos confins do Mato Grosso aos cumes chuvosos de Ubatuba, leva-se uma vida, inteirinha. Ubatuba, termo que povoa a epigênese de minha infância, ecoa no tempo, de volta ao passado, até as primeiras lições escolarizadas que aprendi do Altemar,

apontou-me no mapa e me ajudou a escrever o nome da cidade onde nascera, prometendo um dia dar-me a conhecê-la. “Naquele lugar os céus e o mar se encontram, por meio das nuvens, mensageiras de Deus! Precisas ver, não há palavras certas para descrever o lugar no qual o Criador fez morada.” Altemar foi morto, mas o sonho que plantou em minha imaginação, este não morreu, nunca.

Intensas lembranças, feito chagas, cicatrizes que, às vezes, sangram, marcam aquilo que estou sendo, estas últimas nada têm que ver com as recordações afáveis de Altemar, aquelas são o oposto, bálsamo que as feridas transformam em tatuagens. Dentre as chagas que seguem sagrando corpo adentro, tempo afora, consta aquela do dia em que vi o Jairo

violando minha mãe. Não sei que razões desarrazoadas me levaram a retornar ao armazém naquele fim de tarde, havia algo que se movia aqui dentro de mim, deixei minha irmã sozinha por alguns instantes e regresssei pela porta dos fundos, pisava na ponta dos pés, sopesava a respiração.

Com o rosto presado contra o balcão, minha mãe, olhos fechados, gemia e chorava, enquanto era sodomizada por ele. Jairo grunhia e xingava, o rosto contorcido,

olhar feroz voltado em direção à valise preta. Abri a portinhola devagar, devagarinho... o rangido das dobradiças empedernidas certamente chamaram a atenção do algoz mais que da vítima. Da posição onde estava, Jairo limitou-se a olhar, sem interromper o ato, uma fagulha malévola incendiou-se naqueles odiosos olhos, atingiu-me com um projétil fatídico, tiro no peito. O coração passou a pulsar na garganta, não cabia na caixa torácica, minhas pernas desfizeram-se feito gelatina exposta ao calor cuiabano, eu já não podia me mover. Segundos, nos quais caberiam todas as vidas deste Planeta, me plantaram no pórtico. Tal qual um demônio saído de gravuras medievais, Jairo brutalizou-se, olhos faiscantes caíam sobre mim com o peso de duas toneladas. Minha mãe mal continha os gemidos, por vezes, escapavam feito gritos engolidos, a

O coração passou a pulsar na garganta, não cabia na caixa torácica, minhas pernas desfizeram-se feito gelatina exposta ao calor cuiabano, eu já não podia me mover.

fórceps, se transformavam em sons guturais rasgando a garganta. Lágrimas pigavam no piso.

De volta ao tempo presente, perscruto no olhar destas elegantes senhoras “fina flor da sociedade ubatubense”. Que interditas, ocultas histórias se escondem sob vestidos elegantes e joias caras? Que temores, tremores, suores noturnos, soturnos são ocultados por estes sorrisos performáticos e perfumes importados? Quantos gemidos, quantos gritos foram silenciados para que pudéssemos ostentar o título de dama, a marca da civilidade que ora nos distingue de outras tão distintas, igualmente mulheres como nós: balconistas, camareiras, diaristas, faxineiras, cozinheiras, prostitutas?

Devaneios destas ilustres senhora, sei pouco; às vezes, tenho a sensação de que nestes elevados estamentos sociais é impossível encetar uma relação pessoal, uma autêntica relação entre humanos. Aqui tudo é sobrepujado pela etiqueta, necessita mais parença que essência. Na Vila também era assim, o Agiota, violador de mulheres e explorador de mão de obra infantil, enunciava-se elegantemente, participava do ciclo dos “Homens Bons” daquele lugarejo, ombreava, em termos de prestígio social com o padre, o pastor, o fazendeiro. Jairo, o Agiota, aquele mesmo que desde aquele ocaso que celeremente se fez noite e lançou sombras em meu ser, nunca mais, ao menos enquanto esteve vivo, tirou aqueles olhos vorazes de cima de mim. Minha mãe me protegeu às expensas da própria dignidade, submeteu-se àquele diabo travestido de Homem Bom que, a despeito do sacrifício de minha mãezinha, farejava-me, espreitava-me, seguia minhas pegadas, por mais discretas que fossem, feito cão no encalço de uma presa, prestes a me acossar sempre e quando factível.

A vida, no entanto, às vezes, reveste-se de ironia desconcertante. Depois de Altemar, Jairo, o Agiota, foi a segunda pessoa a exercer maior influência sobre minha decisão de vir viver nesta Terra que, desde tempos imemoriais, fora porto seguro para canoas ameríndias, Ubatuba. A primeira ensinou-me que o mundo é grande, muito maior que a Vila; deu asas a meu sonho; a segunda, por ocasião da boda, permitiu-me, para estupefação de todos, a começar por ela mesma, pavimentar

este sonho, quando doou para mim e Agenor, uma soma, à época, impensável em dinheiro vivo, presumivelmente, de muitas mortes advindo. Presente de casamento que me facultou projetar em segredo com meu marido, nossa súbita partida. Fuga de toda a dor que aquele lugarejo evocava, fuga dos olhos de rapina de Jairo. Mal sabia eu que os lugares que habitamos nos habitam pelo lado de dentro. Retornei à Vila uma única vez, quando conclamada para o velório de Jairo. Toleima daquela gente acreditar que foi aquela breve visita prova de afeto, antes, foi certificação de óbito, fui para ter certeza de que os olhos que nas noites chuvosas seguiam me caçando a quilômetros de distância, se havia fechado para sempre e que, em poucos dias seriam eles próprios contumazes devoradores, devorados por vermes embaixo da terra.

Os primeiros tempos em Ubatuba foram fabulosos, fizemos, Agenor e eu, escolhas acertadas, em uma década, tornamo-nos pessoas ilustres na sociedade. Jovens, ricos, simpáticos, sentimos que erámos invencíveis. Besteira das maiores querer imitar estes deuses e deusas que habitam estas montanhas que ornaram esta cidade, somente a elas se pode adjectivar de invencíveis. Como não somos deusa e deus, caímos na trampa. A consequência imediata foi erigir uma disputa entre o casal, parceiros na guerra e no amor, conhecíamos armas e táticas um do outro, anulávamos mutuamente. Construtor competente, empresário eficaz, não tardou muito para que Agenor erguesse entre nós paredes sólidas. Fingi não perceber, quando almejei a tomar as contramedidas, estávamos irremediavelmente afastados. Compartilho desde aquele tempo com minha mãe a dor da viuvez, não obstante, sou viúva de marido vivo. Moderna Helena de Tróia, habito esta casa, luxuosa casa entre o monte e o mar, um dia sim e outro também, insto-me a eleger qual morte mais afortunada: despencar do despenhadeiro ou afogar o mar inteiro em mim, tragando gota a gota esta cortina azul que se alastra até os confins de minha visão. Eis o dilema: flutuar no ar, feito pássaro sem asas ou dissolver-me no mar, feito os encantados da Vila. Por enquanto, ainda não decidi, somente por enquanto continuo assistindo a fina flor da sociedade.

Campus Bela Vista, 13 de outubro de 2022.



SEASON FINALE

Já passavam das dez da noite quando chegaram. Antônio e Fábio, dois. A ampulheta virava e meu tempo restava quase esgotado. A cada página, o mergulho na experiência da solidão daqueles personagens, do amor e do luto compartilhado iam-se confluindo na necessidade de viver. E eu me perguntava se tudo isso valia a pena.

Aguçado, capítulo por capítulo, pela narrativa em zigue-zague repleta de referências literárias que revela um romance musical entremeado por elucubrações sobre a morte, eu ouvia uma trilha sonoro-poética costurando vozes de narradores que se confundiam ou me deixavam, no mínimo, em dúvida.

Os constantes *déjà-vu* descortinavam o cotidiano não linear de seres humanos carentes de afeto aprendendo, didaticamente, sobre a presença da ausência, que alimenta o próprio vazio existencial.

A brevidade da vida estava escancarada diante do abismo das relações. Um gole de vinho, um cigarro e um corpo bastam?

Madrugada adentro, sucumbi ao silêncio interrompido pelas minhas próprias lágrimas e percebi que “Dois” pode funcionar como uma grande confissão do fracasso de vidas amorosas com um imprevisível fim.

Edson Flávio Santos – maio de 2023



Edson Flávio Santos

Cacerense, doutor em estudos literários, pesquisador e docente do Programa de Pós-graduação em Estudos literários (PPGEL/UNEMAT). É autor de *Aldrava* (2020) e *Utopias e resistências na obra de Pedro Casaldáliga – escritos escolhidos* (2021). Escreve desde quando descobriu seu amor pela poesia.

edsonflaviomt@gmail.com

Religio
Esferográfica sobre sulfite

LAMENTAÇÕES

O que me faz chorar? De onde vem essa necessidade de exprimir por meio de lamentos o que está preso na minha alma? De me derramar em desespero esta noite, as lágrimas correndo como ribeiros pelo meu rosto?

Jeremias (650 a.C.- 587 a.C.) lamentou-se tanto diante de Jerusalém conquistada pela Babilônia do rei Nabucodonosor. A queda, o fim de um reino. O povo levado escravo para o cativeiro. Ficou conhecido como profeta chorão, que constatou as suas visões referentes à destruição da cidade serem cumpridas. Por dizer a verdade, foi espancado, aprisionado numa gaiola, teve sua vida constantemente ameaçada, mas se manteve como coluna de ferro em meio à adversidade e oposição. Sofreu desgaste emocional das muitas batalhas. Angustiado, deprimido, acabou jogado num poço lamacento. Um dia, desapareceu misteriosamente no deserto do Egito.

Também tenho reações de pesar quando vejo a destruição de São Paulo: os túneis cheios de mendigos e barracas de lona preta; crianças que pedem pão a cada esquina, desfalecendo nas ruas; malabaristas brincando com fogo nos semáforos; órfãos de pai e mãe, que já não existem, que se perderam nas drogas, que vagam como zumbis pelas vielas sujas e se encostam cansados nas estátuas de bronze; jovens que deixaram a música, a dança e os estudos e vendem seus corpos na sarjeta; mulheres estupradas com violência; homens enforcados nas árvores; velhos que não são mais reverenciados e abarrotam os asilos; as lojas lúgubres do Bom Retiro com seus manequins fantasmagóricos; lixo transbordando pelas calçadas; os palacetes decadentes cober-

tos de pichações. Por todo lado, sente-se a infestação de morcegos. Há trilhas por onde vêm raposas. Por estas coisas eu ando chorando. Minhas entranhas estão se consumindo. Envelheço na minha carne e meus ossos se quebraram. A cada dia perece a minha força. Meu pranto é de absinto e fel. Dei milhares de vezes a face àqueles que me perseguem. Estou farta de afrontas. Aqui me separei de quem jamais gostaria de ter me separado. Choro e lamento por todos, pela cidade, por meus filhos e por mim mesma. Queixo-me de mim quando esquadrinho meu coração do alto deste viaduto.

Cassiano Ricardo (1895-1974), o poeta paulista, representante do modernismo, escreveu *Jeremias Sem-Chorar* (assim mesmo, com hífen). Criou um Jeremias integrado no mundo cibernético, eletrônico, astronáutico, planetário da era cósmica, impedido de chorar. Jeremias não chora por sete razões que ele expõe logo no começo do poema, mas se incorpora no desespero lúcido da ciência, da tecnologia. Um Jeremias aterrorizado e o aterrorizado não chora, assim como um naufrago não precisa chorar, pois é chorado por asfixia. Um Jeremias que confessa ter que percorrer o mundo e tudo ver sem chorar. Assistir impassível à guerra nuclear e à degolação de inocentes sem chorar. Sem uma única lágrima. Declara: "Lágrima?/ Coisa íntima e ínfima/ diante do espetáculo." Conclui que quem não chora, afinal, é apenas um pássaro que não canta.

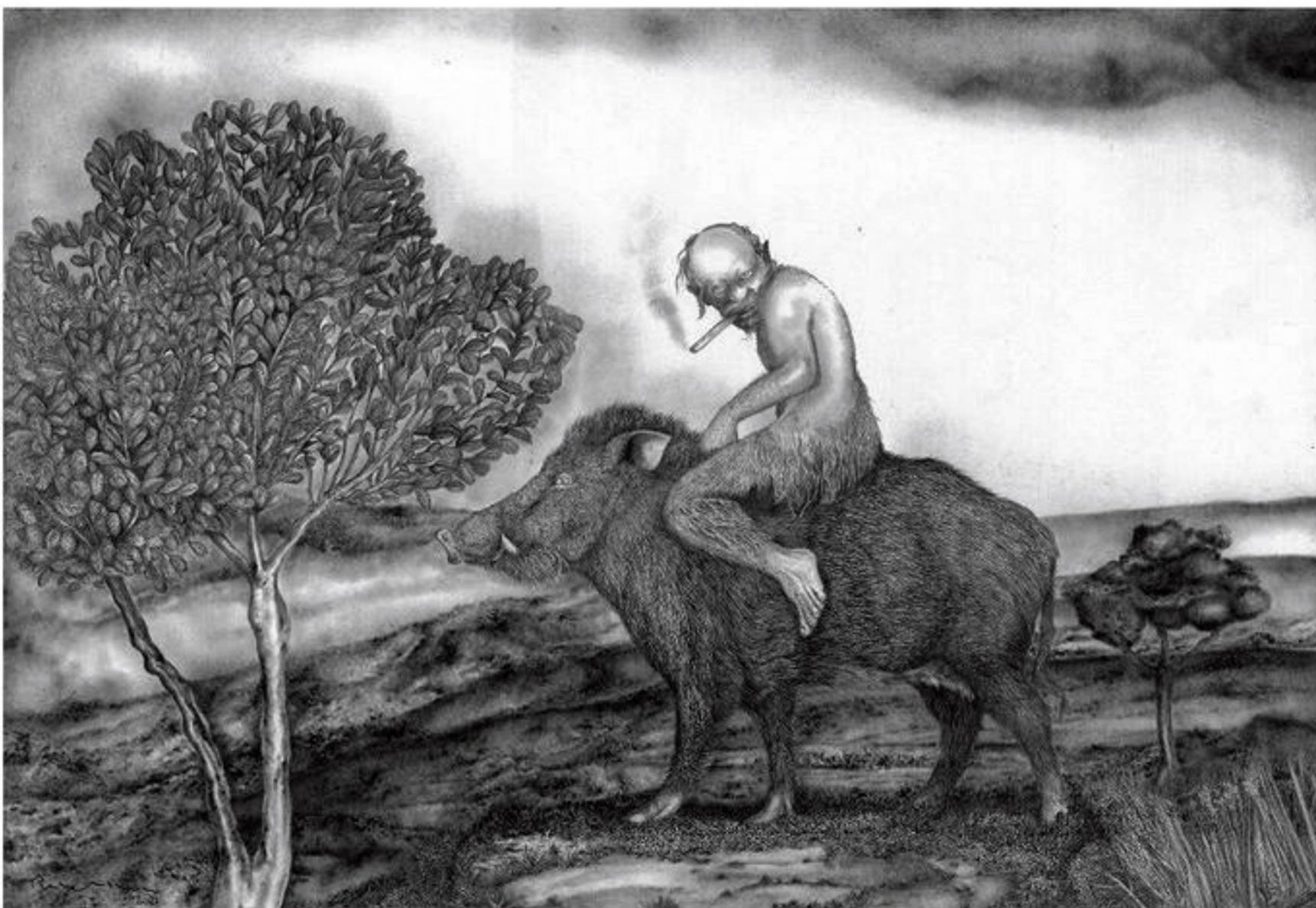
Talvez haja esperança. Aguardo quieta, gemendo em silêncio, que cesse a fúria do vento. Que parem nas órbitas as meninas dos meus olhos. Que um feixe fino de luz, o farol de um carro talvez, se projete nessas trevas.



Raquel Naveira

Formada em Direito e em Letras pela UCDB. Mestre em Comunicação e Letras. Doutora em Língua e Literatura Francesas. Publicou mais de trinta livros. O mais recente é o livro de crônicas poéticas *Leque Aberto*. Escreve para várias revistas e jornais. Pertence à Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, à Academia Cristã de Letras de São Paulo, à Academia de Ciências e Letras de Lisboa e ao PEN Clube do Brasil.

raquelnaveira@gmail.com



Caipora
Lápis sobre sulfite

Ensaio sobre o **DESGOSTO**

Em alto-alemão, a palavra para desgosto é *Herzschmerz*, a qual, por sua vez, se forma mediante a junção das palavras *Herz* (em alemão todos os substantivos começam com maiúscula), que significa coração e *Schmerz*, que significa dor. Também vem de *Schmerz* o verbo *doer*, o qual se escreve *Schmerzen*.

Sabemos, ainda, que o alemão é uma língua flexional do ramo germânico do médio-leste da Europa (DALLA PRIA, 2006). Desse modo, sua relação de parentesco o situa mais próximo ao inglês e ao neerlandês do que às línguas romances em geral. Curiosamente, o parentesco linguístico o coloca também mais aparentado do norueguês, do sueco e do islandês (línguas germânicas do Norte) do que do francês, com que a terra de Goethe faz fronteira.

Aparentemente, a significação de tais parentescos é de pouca relevância para o leigo;



Ariel Montes Lima

Ariel é pessoa trans non-binary, psicanalista, escritora e professora. Em 2022, publicou os livros *Poemas de Ariel* (TAUP), *Sínteses: Entre o Poético e o Filosófico* (Worges Ed.) e *Ensaio Sobre o Relativismo Linguístico* (Arche). Atua como professora bolsista de língua espanhola na UFMT, além de coordenar o Projeto Ikebana Cultural, do qual foi membro-fundadora.

Contato: (65) 99934-0423

digo: para os não-linguistas. Porém, nos façamos entender. Em francês, a palavra para desgosto é *dègoût*; em italiano e espanhol, *disgusto*; em inglês *disgust*. Todas essas formas partilham de uma estrutura básica, na qual se constata a presença de uma base à qual se antepõe um prefixo negativo (BASÍLIO, 2016). Desse modo, as poderíamos reduzir, de uma maneira generalizante, ao modelo: Não- X.

Portanto, em todas as línguas acima citadas, a dor do desgosto pode ser compreendida no âmbito estrutural do idioma como *desprazer*; palavra essa, inclusive, que se forma pela mesma estrutura. No âmbito lexical, temos um o verbo gostar, que melhor atende à definição aqui evidenciada.

O substantivo gosto, ainda pode estar associado à capacidade de despertar reação palatal. Uma comida, portanto, tem um gosto que lhe é peculiar. Em sentido extensivo, ainda lhe podemos atribuir a carga semântica de preferência pessoal, ou ainda como uma constituição estética. Nesses termos, são possíveis frases como:

Se de gosto vem gostoso –o que tem bom sabor-, então a amargura –mau sabor- situa-se também em um mesmo lugar simbólico do desgosto.

O gosto do boldo é amargo.

O gosto de cada um não se discute.

Espero que o quarto esteja ao seu gosto.

Desse modo, a carga semântica vinculada à ideia de desgosto em muito se vincula, por exemplo, quando empregamos termos correlacionados em como:

Foi um desprazer conhecer o Pedro.

Senti um enorme dissabor ao saber da morte do meu tio.

Minha mãe ficou amargurada com a ideia de mudar de cidade.

Observemos que as duas primeiras sentenças compartilham da estrutura negativa básica do radical. A segunda, mais do que isso, ainda traz um radical de sentido análogo ao gosto (sabor). A terceira, por sua vez, se relaciona com o desgosto mediante um antônimo mais sutil. Se de gosto vem *gostoso* –o que tem bom sabor-, então a amargura –mau sabor- situa-se também em um mesmo lugar simbólico do desgosto.

Contudo, em uma contraface germânica, o neerlandês apresenta a palavra *hartzeen*. Essa, assim como o alemão, representa a união de *hart* (coração) e *zeen* (dor). Compete com ela ainda a forma *gebroken hart*, que consiste num particípio passado do verbo quebrar em função adjetiva aliado ao substantivo. Destarte, o termo se pode traduzir também como *coração quebrado*, *coração partido* ou *coração rompido*. Tais termos encontram uma semelhança com a expressão homônima do português, porém se veem mais abrangentes no neerlandês; não se limitando, pois, ao sentido amoroso do termo.

A respeito dos dois idiomas citados, Ocker (2022, p. 40) argumenta que “a própria negação semântica não ocorre nas línguas. Os conceitos ali expressos se articulam como coisas distintas (A e B), e não como A e Não-A”. Essa reflexão nos insere em um problema: o que poderíamos chamar de etnodependência do significado.

Como elementos sustentantes dessa ideia, precisamos levar em conta, ao menos, dois fatores –objeto de interesse desse ensaio-: a importância da palavra enquanto signo constituído e a relatividade do pensamento linguístico.

Sobre o primeiro tema, Humboldt (1972) trata acerca do papel das formas

linguísticas na concepção do significado. Em oposição, Saussure (2012) argumenta pela arbitrariedade dos signos linguísticos. Contudo, o que nos interessa não é a existência de uma fundamentação metafísica para as associações linguísticas (como buscou Platão no diálogo Crátilo), mas sim o valor atribuído aos signos uma vez dispostos no “jogo do idioma”. Assim, é inegável a relação aposteriorística de relativa causalidade entre os signos uma vez determinadas as regras de um idioma (CARVALHO e BARBOSA, 2021).

No que tange ao segundo tema, diz Sena do Carmo (2023, p. 515) que:

a língua de um indivíduo exerce influência com a sua maneira de apreender o mundo e de influenciar o seu pensamento acerca da realidade. Destarte, diferentemente do que alguns linguistas e psicólogos afirmam, a tese da relatividade linguística refuta a ideia da existência de propriedades inatas universais comum a todas as línguas humanas.

Assim sendo, pois, nos vemos diante da insolubilidade dos sentidos. Isto é: há uma celeuma filosófica diante da subjetividade imanente no que há de mais humano na linguagem: a representação. A língua, nesse ponto, quando confrontada sobre sua aparente fixidez, demonstra ser, ao seu modo, também subjetiva.

Curiosamente, contudo, tal subjetividade encontra graus de (des)compartilhamento que nos oferecem valiosas noções do *modus pensandi* de determinadas sociedades. Essa noção vai para além da leviana noção de alteridade comumente pensada. Trata-se de uma concepção de mundo complexa, formada por conjuntos semióticos organizados que podem tanto incluir como excluir elementos de seu universo.

Em suma, é provável que essa que vos escreve, latina e lusófona, não saiba jamais esclarecer com precisão o quão

sofrido é padecer de uma *Herschmerz*; eu que só senti brasileiros desgostos. Se bem que, como professora e escritora, o desgosto tem se tornado, cada vez mais, um companheiro de entardeceres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASÍLIO, Margarida. Em torno da palavra como unidade lexical: palavras e composições. **Veredas Revista de Estudos Linguísticos**. V. 4, n. 2. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25314>. Acesso em: 28 de mar. 2023.

CARVALHO, Cid Ivan da Costa; BARBOSA, José Roberto Alves (Org). **TEORIAS LINGÜÍSTICAS ORIENTAÇÕES PARA A PESQUISA**. Mossoró : EdUFERSA, 2021.

DALLA PRIA, Albano. TIPOLOGIA LINGÜÍSTICA LÍNGUAS ANALÍTICAS E LÍNGUAS SINTÉTICAS. **SOLETRAS**, Ano VI, Nº 11. São Gonçalo: UERJ, jan./jun.2006. disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/viewFile/4652/3431>. Acesso em: 28 de mar. 2023.

HUMBOLDT, Wilhelm Karl von. **Sobre el origen de las formas gramaticales y sobre su influencia en el desarrollo de las ideas – Carta a M. Abel Rémusat sobre la naturaleza de las formas gramaticales en general y sobre el genio de la lengua china en particular**. Tradução de Carmen Artal. Barcelona: Anagrama, 1972.

OCKER, Ariel Von. **ENSAIOS SOBRE RELATIVISMO LINGÜÍSTICO**. Editora Arche. São Paulo, 2022. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/8039/3132>. Acesso em: 30 de mar. 2023.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo, Cultrix. 2012.

SENA DO CARMO, L. Relativismo e universalismo linguístico: algumas considerações sobre linguagem e pensamento. **Diversitas Journal**, [S. l.], v. 8, n. 1, 2023. DOI: 10.48017/dj.v8i1.2403. Disponível em: https://www.diversitasjournal.com.br/diversitas_journal/article/view/2403. Acesso em: 30 mar. 2023.



Pronaos
Esferográfica sobre papel jornal

Literatura negro-brasileira: livros interditos no século XXI?

Quero iniciar este artigo com algumas perguntas: você estudou mitologia greco-romana na escola? Acredito que sim, pois mitologia greco-romana é conteúdo obrigatório na disciplina de História no Ensino Fundamental. Quem não ficava encantado com as histórias da criação do mundo, os grandes feitos de Zeus e outros deuses e semideuses da mitologia grega como Apolo, deus da música e das artes; Afrodite, a deusa do amor e da beleza e com a história de Teseu e o Minotauro?! Enfim, diversas histórias que povoaram a nossa imaginação.

Outra pergunta: você estudou sobre os mitos e lendas indígenas e africanos na escola? Se você tiver concluído o Ensino Médio nos anos 2000, acredito que não. Infelizmente, só fui ter acesso às literaturas africanas, afro-brasileiras e indígenas na Universidade, em 2014.

No ano de 2023 a Lei 10.639/03, que tornou obrigatório o ensino da história e da cultura africana nos currículos das escolas públicas e privadas da Educação Básica, completa 20 anos. Proponho-me a trazer, neste artigo, algumas reflexões sobre tentativas de censura a alguns livros com temática africa-

na, nos anos 2018, 2019, 2021 e 2023, que me fizeram refletir sobre a importância de se discutir e dar visibilidade a essa lei de forma que seja efetivada nas escolas do Brasil, sem interferências.

Tamanha foi a minha surpresa quando no ano de 2018, vi uma postagem de uma mãe no *Facebook* sobre um comunicado recebido da escola SESI de Volta Redonda, interior do Rio de Janeiro, informando aos pais que o livro *Omo-Oba: história de princesas*, da escritora Kiusam de Oliveira seria trocado por outro, porque alguns pais haviam reclamado da obra por considerá-la inapropriada para as crianças do 3º ano do ensino fundamental por falar de ancestrais, orixás femininos e recontar mitos africanos.

A minha indignação em um primeiro momento foi com o comportamento desses pais, que provavelmente não fizeram a leitura da obra, apenas a julgaram pelo título e capa; o que acontece muitas vezes com as literaturas africanas que são demonizadas por um grupo de pessoas não esclarecidas. Volto a perguntar: Por que não há reação dos pais conservadores quando se trata de mitos e lendas greco-romanas? Por que não há ques-



Lisiane Oliveira e Lima Luiz

Doutoranda em Estudos Literários pela UNEMAT, mestra em Estudos Literários pela Universidade Federal de Rondônia (2018). Possui graduação em Letras Português e suas Respectivas Literaturas pela Universidade Federal de Rondônia (2014). Atualmente, desenvolve o Projeto Literário Ler Para Viver Melhor no Canal do Youtube desde março de 2020.

Contato: (69) 99313-7477

tionamentos em adotar uma literatura que fala dos deuses e semideuses greco-romanos? Longe de estar sendo preconceituosa com a cultura greco-romana, o que pretendo é fazer um paralelo e demonstrar que há um peso e duas medidas quando a questão é cultura africana e afro-brasileira.

Com a efetivação da Lei 10.639/03 percebi uma movimentação, bem tímida, confesso, por parte de alguns professores para colocá-la em prática. Este ano a lei completou 20 anos, no entanto, percebe-se que ela é inexistente em muitas instituições públicas e privadas ou só é lembrada (e quando é) uma vez por ano no dia 20 de novembro, data que é celebrado o Dia Nacional da Consciência Negra.

A verdade é que ainda há muito preconceito em relação à cultura e história africana, principalmente, quando se fala em religião de matriz africana. Nossa sociedade precisa descolonizar a mente e respeitar as diversas culturas e as crenças de cada povo que vive neste país, afinal, vivemos em um país multicultural, portanto, é inadmissível posturas que não respeitam as religiões de matriz africana.

Depois, pensando melhor, a minha indignação voltou-se à direção da Escola SESI de Volta Redonda-RJ, pois os pais dessas crianças, provavelmente, são desconhecedores da Lei 10.639/03, que tornou obrigatório em todos os estabelecimentos de Educação pública e privada o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nos currículos escolares, nas disciplinas de Artes, História e Literatura da Educação Básica.

Provavelmente, os pais que se escandalizaram com o livro *Omo-Oba: histórias de princesas* não tinham conhecimento da Lei 10.639/03 e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), publicada e aprovada pelo Conselho Nacional de Educação e homologada pelo Ministério da Educação em dezembro de 2017, que traz entre suas competências

gerais estímulo para

exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza”(BRASIL, 2017. p. 10).

Esse é o ponto, como cidadãos deveríamos estar atentos às transformações que ocorrem em nossa sociedade. Esse caso só me fez chegar à conclusão que há muito tempo rondava minha mente: falta preparação

dos profissionais da educação e divulgação dessas leis para que elas se fortaleçam e sejam adotadas nas escolas públicas e privadas. Com a Lei 10.639/03, os livros didáticos foram reformulados e, hoje, é possível encontrar poemas e contos de autores e autoras negras nos livros didáticos do ensino fundamental e médio. Isso é um avanço, pois há alguns anos, a impressão era que havia um interesse em manter a história de luta do povo africano, sua resistência e su-

peração escondidas, abafadas e esquecidas, uma vez que os livros didáticos abordavam somente a história de escravização, humilhação e dor. O povo africano tem história, lendas, mitos e religiões que precisam ser apresentadas, valorizadas e respeitadas nos currículos escolares.

No fato ocorrido, a postura da Coordenação Pedagógica da Escola SESI de Volta Redonda, quando recebeu as reclamações dos pais, foi de despreparo e desrespeito à cultura africana, pois informou-lhes, por meio de um comunicado, que fariam a troca do livro *Omo-Oba: história de princesa* por um novo título de forma a atender à solicitação daqueles que reclamaram, mas os que já tinham adquirido a obra não haveria prejuízo, pois

O povo africano tem história, lendas, mitos e religiões que precisam ser apresentadas, valorizadas e respeitadas nos currículos escolares.

fariam uma adaptação da proposta dividindo as crianças em dois grupos: crianças que já haviam adquirido o livro *Omo-Oba* e crianças que iriam adquirir um novo título.

Que adaptação de proposta poderíamos esperar? Imagino as crianças de 8 anos perguntando ao colega: “Por que meu livro não é igual ao seu?” E o outro respondendo: “Porque meu pai disse que esse livro é feio”, para não dizer outra coisa. Um total absurdo dando margem para perpetuar o preconceito e discriminação em sala de aula. Ao enviar esse comunicado, a Instituição perdeu a oportunidade de desenvolver um papel educador e transformador na sociedade.

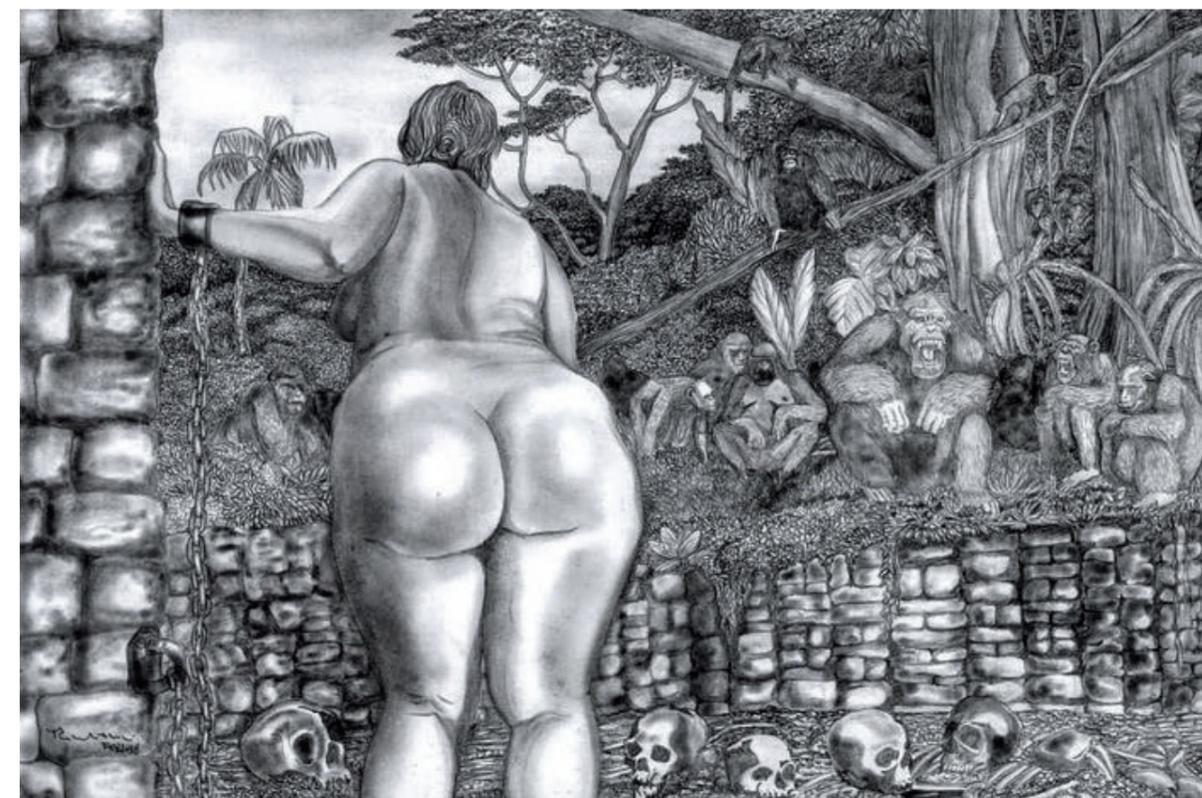
Por que, prontamente, a Direção não chamou os pais que reclamaram para uma reunião explicativa sobre a adoção da obra? Aliás, uma obra adotada desde 2009 pelas escolas, além de ter sido escrita por uma professora competente que, por 23 anos, atuou na educação infantil. Por que somente, em 2018, essa obra foi considerada inadequada e perseguida por pais radicais em pleno século XXI?

Após a Procuradoria Federal dos Direitos

dos Cidadãos, braço do Ministério Público Federal, pedir esclarecimento ao SESI, a instituição reviu o procedimento adotado, retratou-se com a mãe ofendida, convocou os pais para uma reunião, promoveu uma reciclagem com os profissionais da escola e voltou a utilizar o livro nas aulas de História. Como nos contos de fadas, a história terminou com um final feliz para a educação brasileira.

Minha sincera admiração vai à mãe e professora Juliana Pereira que ao receber o comunicado da escola do filho, pôs-se em ação. Foi às redes sociais, colocou “a boca no trombone”, fez-se ouvida e atendida em sua reivindicação. Por mais mulheres e mães esclarecidas como Juliana que se envolvem na educação dos filhos e lutam por uma educação antirracista. Devemos nos perguntar: Que tipo de mensagem ficaria na mente das crianças negras e brancas dessa escola, caso o livro fosse realmente substituído?

Outro fato que ganhou destaque nos sites de notícias e redes sociais em novembro de 2021 foi o afastamento de uma professora do Ensino Médio da escola particular Vitória Régia em Salvador- BA por ter indicado o livro de contos *Olhos d’água*, de Conceição



Convívium
Lápis sobre sulfite

Evaristo. A professora sofreu retaliações dos pais, pois consideraram o texto com linguagem inapropriada para os adolescentes do Ensino Médio. Cabe ressaltar que o livro considerado interdito recebeu o prêmio Jabuti no ano de 2015 e foi incluído como leitura obrigatória em diversos vestibulares do Brasil. O que o torna inapropriado na visão dos pais? O fato de abordar temas como a violência, pobreza, racismo e abuso?

Para finalizar minhas reflexões, trago um caso mais recente (quisera fosse o último!), ocorrido em março de 2023, envolvendo vandalização do livro de literatura infantil *Amoras*, do rapper Emicida, e mais uma vez, o fato ocorreu em uma escola particular de educação infantil, Clubinho das Letras, em Salvador- BA. O livro *Amoras* fala do relacionamento cheio de afeto entre pai e filha. Na obra, a menina negra começa a reconhecer-se no mundo por meio das histórias contadas pelo pai. No final da obra há um glossário explicando algumas palavras que aparecem no texto como “orixá”, “obatalá”, “África”, “Martin Luther King”, entre outras. No entanto, a mãe de uma criança comprou o exemplar indicado pela escola para o projeto Ciranda Literária, mas não concordou com o texto literário e resolveu escrever ao lado dos textos versículos bíblicos e colocar a palavra “falso” ao lado do que considerava não cristão. O caso, pode ser enquadrado como racismo religioso. A escola se pronunciou informando que um novo exemplar do livro *Amoras* seria restituído e promoveria uma reunião com os pais.

Mais uma vez o racismo religioso se manifesta machucando, desrespeitando e ofendendo grupos pertencentes a outras religiões. A visão de mundo africana “ofendeu” a mãe da criança. Por que quando se trata de mitologia africana é tão ofensivo para algumas pessoas? Será que vandalizariam um livro de mitos greco-romanos? Ou vandalizariam a tela *O nascimento de Vênus*, do pintor italiano Sandro Botticelli?

As religiões de matriz africana e indígena resistem e reexistem desde o período colonial do Brasil, mas chega de pedir autorização! É preciso respeitar as leis e promover uma educação de respeito, paz e empatia. As escolas precisam ser respeitadas no cumprimento

de sua tarefa de difusão da diversidade cultural do povo brasileiro, seja por meio dos livros de Literatura, de História ou de Artes como preconiza a Lei 10.639/03. Como afirma a filósofa Djamila Ribeiro, no *Pequeno Manual Antirracista* “[...] o antirracismo é uma luta de todos e todas” (2019, p. 15). O que estamos fazendo para contribuir?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME. [Online] 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em 28 de mar. de 2023.

BRASIL. **Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Brasília: Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos, 2003a. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 28 mar. 2023.

MELO, Mônica. Livro infantil do rapper Emicida é vandalizado por mãe de aluno com críticas às religiões de matriz africana. **G1**, Bahia, 07 mar. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2023/03/07/livro-infantil-de-emicida-e-alvo-de-intolerancia-religiosa-praticada-por-mae-de-aluno-em-escola-de-salvador.ghtml>. Acesso em 28 mar. 2023.

MUNIZ, Tailane. Professora contradiz Vitória Régia e diz que livro de Conceição Evaristo foi proibido pela direção. **Metro 1**, Salvador, 19 nov. 2021. Disponível em: <https://www.metro1.com.br/noticias/educacao/115446.professora-contradiz-vitoria-regia-e-diz-que-livro-de-conceicao-evaristo-foi-proibido-pela-direcao>. Acesso em 28 mar. 2023.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia da Letras, 2019.

Sesi tem dez dias para esclarecer exclusão de livro sobre mitos africanos. **Exame**, São Paulo, 22 mar. 2018. Disponível em: <https://exame.com/brasil/sesi-tem-dez-dias-para-esclarecer-exclusao-de-historia-de-princesas-negras/>. Acesso em 28 mar. 2023.

Artista Visual

Conceito

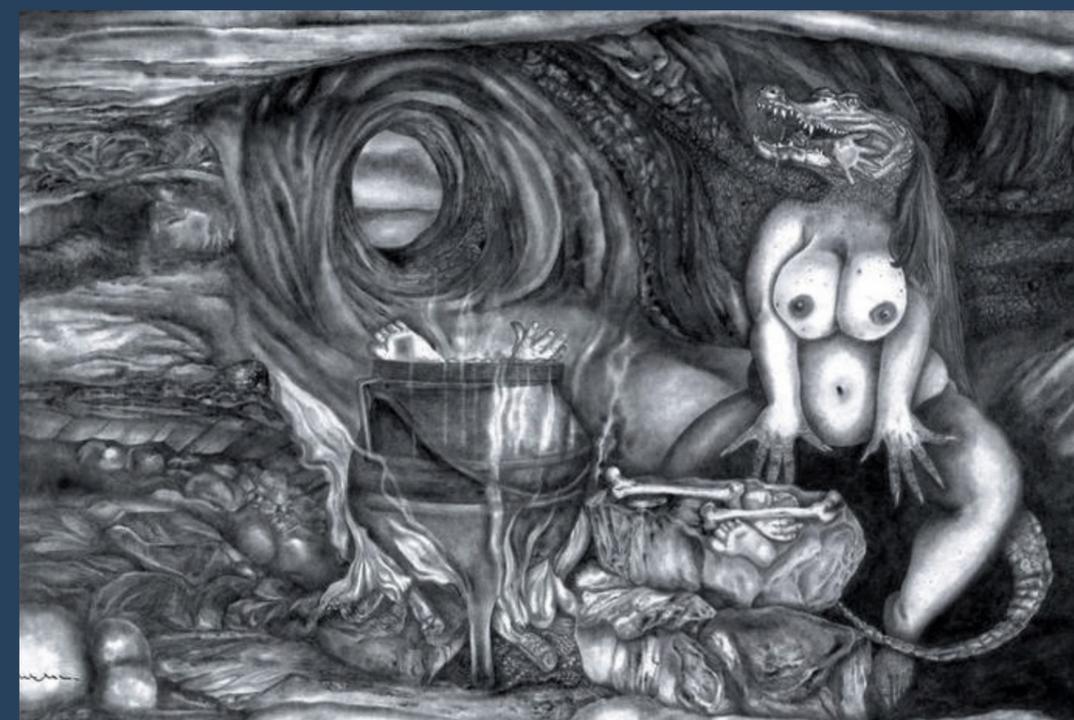
Paulo Antônio é nascido em Barra do Garças e começou a desenhar ainda na infância, influenciado pelos traços de Percy Lau, (1903-1972) ilustrador e desenhista peruano radicado no Brasil. Paulo Antônio destaca a importância que Percy Lau exerceu sobre seu trabalho: “Quem é de minha geração vai se lembrar dos livros **Vamos Estudar** e **Tipos e aspectos do Brasil**, entre outros. Num tempo sem internet e computadores, recorria a livros e revistas para estudar os traços daquelas imagens que me fascinavam, e ainda hoje continuam a exercer grande poder sobre minha arte.”

Uma das vertentes do trabalho do artista plástico, desenhista, ilustrador e poeta Paulo Antônio, morador da região Araguaia, é a criação de um bestiário e panteão com a capacidade de revelar, numa série temática de gravuras, figuras do folclore brasileiro, deuses e demônios, mitos indígenas e afro-brasileiros, entre outros personagens que habitam o imaginário humano. Utilizando o traço clássico do bico-de-pena, Paulo Antônio passeia, antropofagicamente, por estilos e influências diversas que vão do surrealismo primordial de Goya aos HQ’s de vanguar-

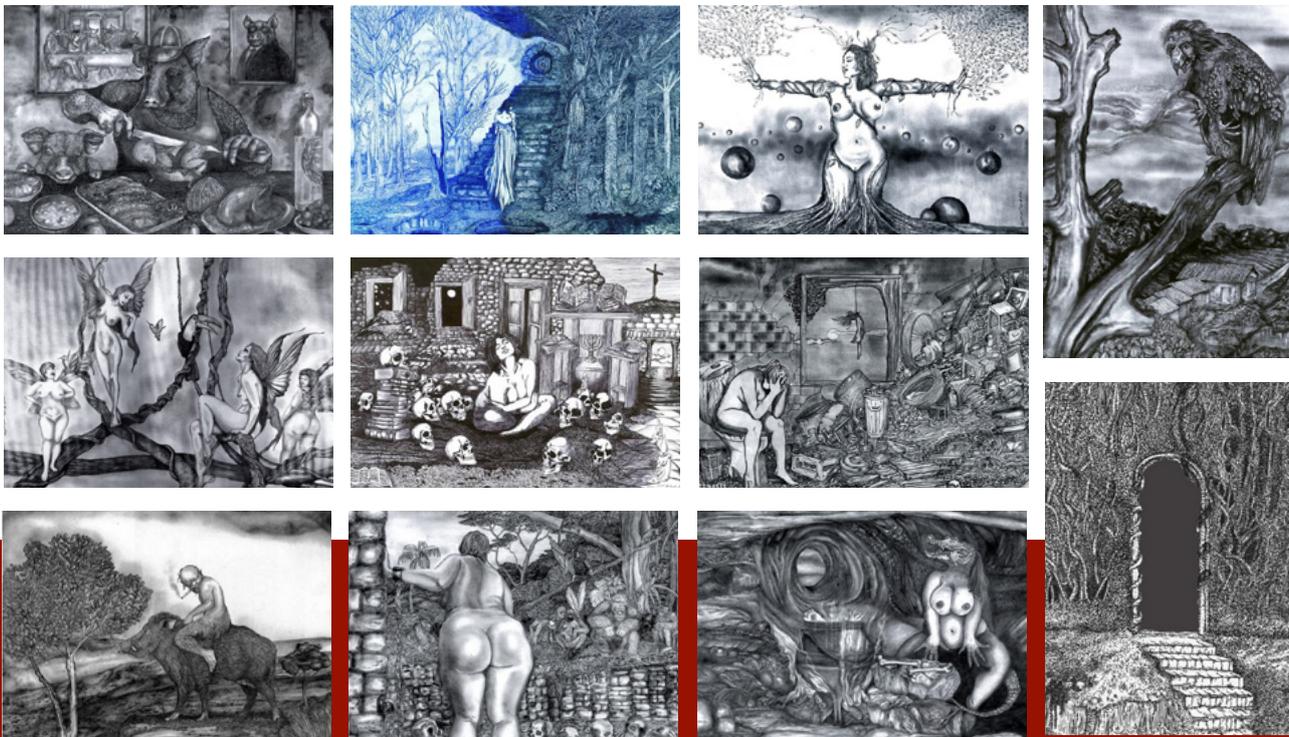


Paulo Antônio

da, uma fusão surpreendente e singular que enche e enfeitiça os olhos do espectador. Mati-Taperê, representada na imagem escolhida para a capa desta 87ª edição do Nódoo, segundo o artista, “é uma lenda presente em várias partes do Brasil, sobretudo nas áreas rurais da Região Norte. É uma bruxa velha que se transforma num grande pássaro, e vaga pelos céus noturnos a espera de ouvir choro de criança. Quando isso ocorre, poussa nos telhados, ou em árvores próximas, e aguarda paciente o descuido da família, para então, roubar o pequeno, na intenção de devorá-lo no ninho [...] A representação gráfica da Mati-Taperê é muito variada. Essa é a minha Mati-Taperê, em lápis sobre papel linho, 180g”.



Cuca
Lápis sobre sulfite



Artista Visual Homenageado:



Paulo Antônio

Tem 57 anos, é mato-grossense de Barra do Garças, artista-plástico, ilustrador, escritor e poeta. Nos anos 80, participou do grupo Unpoema, com Wanderley Wasconcelos, Antonio Peres, Adalgisa Lima, José Perillo, entre outros artistas da região Araguaia.

@paulo_antonio_filho (Instagram)

Realização



UNEMAT

Nódoa no Brim 87 | Jul 2023